



DISCURSO PROFERIDO PELO SEMOPIANO
HELDER ZENOBIO NA SESSÃO SOLENE
COMEMORATIVA DO 130º ANIVERSÁRIO
DA ESCOLA DE MINAS EM OUTUBRO DE
2006

ESCOLA DE MINAS & TRADIÇÃO

Ilmo. Sr. Professor Doutor João Luiz Martins – Magnífico Reitor da UFOP;
Ilmo. Sr. Professor Doutor José Geraldo Arantes de Azevedo Brito – MD.
Diretor da Escola de Minas

É muito desagradável ser o último, ou um dos últimos oradores em uma solenidade, pois não se conhecendo o teor dos discursos anteriores ao seu, corre-se o risco de um conflito de opiniões entre os palestrantes causando uma situação pouco constrangedora, o que felizmente não ocorreu aqui, pelo menos, até agora.

Outro inconveniente é que a platéia já está cansada, ficando assim, ansiosa para que encerre logo a solenidade, inclusive, hoje, está fazendo um calor anormal! Mas, para a tranqüilidade de todos posso afirmar que não farei um discurso longo...

Inicialmente posso afirmar que não farei um discurso longo, aliás, deveria ser uma praxe dos oradores: informar logo no início o tempo de sua fala, pois a platéia não ficará naquela expectativa, aguardando o número de laudas que o orador vai retirar do bolso, podendo até conforme o tempo anunciado tomar outra decisão; não ouvir o discurso, ouvir só uma parte, ir tomar um cafezinho, etc.

Posso lhes informar que entre 12 a 15 minutos darei o meu recado. São sete páginas, as quais levarei de dois a dois minutos e meio para lê-las. A emoção poderá acelerar ou retardar um pouco o tempo previsto. Vamos considerar um desvio padrão de mais ou menos 5 minutos.

Diz um dito popular que os melhores perfumes estão nos pequenos frascos; nossa turma era pequena, não vou deduzir nada, por pura modéstia, mas este perfume cedo foi se evaporando. Seu aroma foi se espalhando pelas empresas, pelas famílias, filhos e hoje sobrou menos da metade do frasco.

Para aqueles que nos deixaram, eu os evoco:

Álvaro Renato Pontes – Grande Farrapo, o primeiro a nos deixar...quantas saudades!!!;

Dalvo de Paula Andrade – Itabirano da velha guarda, cantador de boleros....”Alma Llánera” era o seu carro chefe...saudades Dalvo!!;

Paulo Goyata Albanese – Grande Paulinho! Quantos e saudosos “bondes” no Reino de Baco e nas altas madrugadas...que saudades!!;

Idelmar da Cunha Barbosa – o último a nos deixar. Oh! B.K. por que não esperou nossos 50 anos?...saudades!!;

Délcio Vieira Reis – o otimista, o poeta, teatrólogo, criador de Filomena, Tetéia, Tudo Azul Belzebu...inesquecível Délcio!!;

José Walmílio de Melo Monteiro – o coleguinha, criador de “Pipoca Society”, o mais apaixonado estudante que conheci...grande e saudoso Walmílio!!

Will Dâmaso de Oliveira – o político, o guru, inteligência brilhante, misterioso, às vezes, com sua barba característica. Grande Will!!

Agora, plagiando Camões, eu ousou dizer:

Se lá na Escola onde formastes
Memória desta vida se consente
Permita-nos colocar nos seus anais
Curriculum destes colegas tão competentes.

Se cá na terra onde estamos
Preitos de saudades se consentem
Permita-nos verter lágrimas pungentes
Em memória destes colegas tão presentes

E quando no céu nos encontrarmos
E nosso olhar para a Terra se voltar
Ao Senhor pedimos um favor
Bradar a Ouro Preto um grito de louvor
E à Escola de Minas, saudades de nosso grande amor.

Feita esta singela homenagem aos que nos deixaram vamos lembrar os que ainda aqui estamos:

Pedro Varela Pereira Ribeiro – nosso decano craque no futebol, exemplo de luta e vida...Grande Pedro!!;

Afif Dirane – turco bodête. Por que não veio? Sentimos muito a sua ausência. Salve o “turco xavante”!!;

Carlos Luiz Alves – o caçula da turma. Inteligência privilegiada, raciocínio rápido; quando bebia, até com estudante fantasiado de mulher já dançou...grande “Carlos doido”!!;

Thales Ribeiro Mota – Thales de Mileto, com sua famosa ‘maquinazinha curta’, revolucionou os cálculos em nossa geração. Gabiru de penacho, de cabeça pra baixo...deixa pra lá. Grande Thales!!;

Sebastião Peixoto Toledo – Capetão, artista de teatro. Cantor famoso, com seu vozeirão...as mulheres se derretiam...e nós, seus concorrentes, nos recolhíamos...Grande Toledo!!!;

Para completar a lista, este, que lhes fala: **Helder Zenóbio**, o “Perigo Louro”. Louro até que eu sou, ou fui, mas, perigo, até hoje eu não sei o porquê...

Agora gostaria de agradecer e homenagear a todos aqueles que nos ajudaram e apoiaram na Escola e nestes 50 anos de vida profissional:

Aos nossos saudosos pais, mulheres, ex-mulheres, irmãos, tios, filhos; aos nossos mestres, funcionários da escola, às famílias ouropretanas que tão bem nos acolheram, com amor e simpatia; ao nosso saudoso Walter Von Kruger, nosso paraninfo. Enfim a todos que direta ou indiretamente colaboraram nesta nossa peregrinação, os nossos sinceros agradecimentos. Agradecimento especiais a Marina, que me suporta há tanto tempo, e aos meus filhos.

Quando fui, democraticamente, eleito pelo único voto do Toledo para falar nesta oportunidade, poderia abordar uma série de reminiscências, pois recordar é viver.

O Cinema de Dodô, o Bar de Toffolo, o Café do Crispim, a “furiosa” do Marzano, a Festa do Amendoim, os Bailes dos Centros Acadêmicos das Escolas de Minas e de Farmácia, os Bailes de 15 de Novembro, as solenidades da Semana Santa, os carnavais, o caminho novo, o futebol da Barra, os “bondes” nas repúblicas, as maluquices do Pinuca e do Cacêta. O piano magistral do Ubirajara e seu conjunto, os discursos inflamados do Pedro Calmon, o teatro da Escola, as teorias marxistas do saudoso Flávio Stockler, os tipos tradicionais: Dona Olímpia, Maria pé de rodo, as madrugadas de estudos, os amores reais e os platônicos, e vários casos pitorescos, curiosos, engraçados que ocorreram, mas, esses assuntos já foram abordados em livros de ex-alunos, sendo o mais brilhante o do David Dequech.

Assim, resolvi abordar outro tema, talvez mais árido, mas, que considero importante neste momento.

Trata-se de Tradição. O que é tradição?

Como consegui-la, como mantê-la, perigo de perdê-la...

Dentre as inúmeras definições nos dicionários a respeito de tradição, a que considero melhor é a seguinte: tradição é um conjunto de valores morais, culturais, técnicos, éticos, espirituais, transmitidas de geração em geração.

Infeliz país, infeliz povo, infeliz entidade, infeliz família, infeliz escola que não cultua e cultiva suas tradições.

Exemplos não faltam de quem as cultuam no campo do ensino: Harvard, Cambridge, Oxford, Sorbone, Coimbra, MIT, Escola de Minas de Paris, etc, etc. Vamos incluir, por mérito, a Escola de Minas de Ouro Preto.

Vou dar um exemplo interessante de tradição com relação à qualidade de certos produtos.

Os japoneses fazem maravilhas em relógios, mas os suíços continuam sendo os mais famosos; várias vinícolas pelo mundo afora fabricam ótimos espumantes, mas o champagne francês continua no topo; inúmeros países fabricam excelentes tecidos, mas a casimira inglesa ainda é a referência.

Coincidentemente (será coincidência?!) eu trago aqui uma revista de 1954 – MANCHETE. Devo lembrar que naquela época duas revistas disputavam arduamente a preferência dos leitores brasileiros. Eram “O Cruzeiro” e “Manchete”. Para referência dos mais novos seria como hoje “Veja” e “Isto é”.

Numa reportagem em que a Revista exalta a liberação de uma verba para a recuperação dos monumentos históricos de Ouro Preto, verba essa conseguida pelo ex-aluno Antônio José Alves de Souza, diz a revista:

REVISTA

“Ouro Preto: Talha dourada e alguma pobreza

A 1.100 metros sobre o nível do mar, e a 540 quilômetros (por estrada de ferro) de distância do Rio, Ouro Preto deu ao Brasil num herói (Tiradentes), uma namorada lendária (Marília) e um mestre barroco (Aleijadinho). Deu também uma qualidade especial de chá, e, sobretudo os melhores engenheiros. Ser engenheiro de minas, pela Escola de Ouro Preto é merecer confiança como os relógios suíços, a casimira inglesa, o champagne francês e outras especialidades nacionais irretorquíveis.

Engenheiros pagam em gratidão o que devem ao ambiente de estudos da cidade.”

Por que a Escola conseguiu isto? Porque através de décadas e mais décadas manteve um alto padrão de ensino técnico e humanístico, seguindo um rumo certo, numa filosofia definida, numa ética irretocável, vencendo os obstáculos momentâneos, não se vangloriando de vitórias efêmeras, tirando lições positivas de erros cometidos.

Tradição não significa conservadorismo míope, reacionário, pelo contrário, para se manter a tradição é necessário seguir a evolução científica, a evolução nas comunicações, adaptar-se às novas condições de um mundo novo, enfim evoluir em todos os campos da ciência; mas isso não impede de se cultivar a tradição em sua essência.

Tradição não se compra, não se aluga, não se transfere, conquista-se, através de décadas e mais décadas, séculos e mais séculos.

Entretanto, a eficiência do ensino não pode se basear apenas na tradição tem que ser realmente eficiente e moderno para se manter a tradição, também não se vive de tradição, talvez por pouco tempo possa-se até viver.

Não se pode deitar sobre os louros do passado! É necessário esforço concentrado para não se perder a tradição. Quando se a perde, recuperá-la é muito difícil.

Quantas empresas, famílias, entidades tradicionais sucumbiram através dos tempos, não conseguiram manter suas identidades. Desapareceram!

Quando se fundou a UFOP, surgiu uma preocupação: como ficariam as tradicionais Escolas de Farmácia e mais, especialmente, a Escola de Minas junto com as recém-criadas escolas?

Será que no futuro teremos como única referência à tradicional Escola de Minas de Ouro Preto numa simples escola de engenharia do UFOP? Seria um golpe forte demais para nós ex-alunos e vocês futuros ex-alunos.

É inegável que nos últimos tempos a Escola de Minas tem perdido parte do seu antigo prestígio nacional e internacional, por uma série de razões que não nos cabe discutir nesta ocasião.

Por isto é que gostaria de dar o alerta para que juntemos nossos esforços para recolocar a Escola de Minas de Ouro Preto no topo, de onde Ela nunca deveria ter saído.

Absolutamente, não quero afirmar que não há ótimas escolas no Brasil. Existem e muitas!! Mas o que nós tínhamos era o diferencial, o algo mais, o Delta "X" o 'plus' da excelência.

Lembro-me que em 1998, se não estou errado, nas comemorações do 12, quando fui o orador, lancei um desafio para uma tomada de consciência, procurando um caminho para que a Escola voltasse a ser um centro de excelência no ensino da engenharia de minas, metalurgia e geologia. Sugeri que alguém competente fizesse um plano para auxiliar na recuperação do prestígio da E.M.. o que seria feito através da Fundação Gorceix.

Parece-me que a Usiminas chegou a fazer um primeiro diagnóstico da atuação, para uma futura tomada de decisão. Infelizmente, até onde eu sei o assunto morreu.

A condição necessária, mas talvez não suficiente, para se manter a tradição é manter um alto padrão de ensino prático e teórico, é manter um comportamento profissional ético. Estamos fazendo isto?

Cada um responda intimamente este questionamento.

Para se manter a tradição além da condição necessária mencionada anteriormente é imprescindível ter orgulho de ser professor da Escola, ter orgulho de ser aluno, de ser ex-aluno, ter orgulho de ser funcionário da Escola. É necessário se conscientizar de que cada um faz parte de um conjunto cujo objetivo único é colocar o nome da Escola no topo do ensino, mantendo uma tradição secular.

Manter a tradição é também cultivar amor à Escola, a amizade entre alunos e ex-alunos, é participar de todo movimento que vise uma melhoria para o aprimoramento do ensino na Escola; é cultivar a vida nas repúblicas, é participar nas festas do 12, é cantar a perpétua, é principalmente transmitir às gerações futuras tudo que sentimos e que aprendemos de bom em Ouro Preto e na Escola de Minas.

Parece-me que as grandes empresas de petróleo, siderúrgicas, metalúrgicas e de serviços técnicos deste país gostariam, e muito, de contar com uma escola com excelência no ensino de mineração, metalurgia e geologia e pelos grandes serviços já prestados ao país, por justiça e mérito a velha Escola de Gorceix deveria ser eleita para esta tarefa.

Não é fácil, aliás é difícil, alcançar-se este objetivo, mas não é impossível. É necessário uma tentativa, ter fé no objetivo, ter um plano consistente, e acreditar no desiderato.

É necessário que as grandes empresas do ramo se sensibilizem, pois só com o seu auxílio e de todos que possam colaborar, poder-se-á materializar o plano. O plano deverá ser um plano a longo prazo, planejado para pessoas entendidas na matéria, com amplo debate e discussão nos meios empresariais e acadêmicos, para se ter certeza de sua concretização a médio prazo.

Todo este contexto envolve a Fundação Gorceix, que seria o meio para a realização do plano, desde que se adequasse ao projeto.

Este é o apelo quase que dramático que nós fazemos às empresas, aos interessados no aprimoramento da Escola de Minas; estamos chegando no ponto irreversível na curva da mediocridade e teremos que reverter esta curva. Não tenho a utopia de querer voltar a Escola do meu tempo. Seria ridículo e fora de moda. Tudo evolui e temos que seguir os novos tempos, mas o que vislumbro, com toda a evolução, e por força desta própria evolução, é ter a Escola como excelência do ensino mineiro-metalúrgico no Brasil, mantendo e aumentando sua tradição.

Perguntarão muitos: Por quê um velho com 50 anos de formado ainda levanta este tipo de questionamento? Respondo que, velhice não se mede apenas pelos anos vividos, mas pela perda da capacidade de sonhar. Sonhar sonhos realizáveis, mesmo que difíceis, não sonhos utópicos, abstratos, irrealizáveis.

E como ainda acredito na realização deste sonho, me considero ainda jovem. Desculpando-me diante daqueles que não concordam com a apresentação deste tema, ainda mais nesta oportunidade, e agradecendo a todos a generosidade de me ouvirem, posso dizer que:

“Se por culpa ou omissão de nossa geração
A Escola de Minas perder sua tradição
As futuras gerações jamais nos perdoarão.”

Forçando um pouco a imagem, espero que, como Fênix, iremos ressurgir das cinzas.

Obrigado.